



André Guilherme Bascope e Silva

**O Bamba de Caxias**  
**Uma história de confrontos na Baixada Fluminense**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História.

Orientador: Romulo Mattos

Rio de Janeiro, 2017

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço à vice-reitoria comunitária por me conceber uma ótima bolsa para completar minha formação. Sem ela, não poderia ter ingressado no curso.

Também faço um agradecimento aos meus familiares que contribuíram para que tudo fosse possível, e à minha companheira Daniela Alvim, que foi de grande ajuda na monografia em si. Agradeço também aos grandes amigos James Gerald Marco e Sergio Vilella, que contribuíram com dicas após terem concluído o curso com sucesso.

Não posso me esquecer das pessoas incríveis que trabalham no departamento de História, por isso agradeço a todos pelo apoio e pela atenção sempre que precisei.

Por último, mas talvez o mais importante de todos, agradeço de coração ao meu orientador Romulo Mattos, que sempre esteve presente e me ajudou em todos os processos desse trabalho.

## **Sumário**

Introdução.....	7
Capítulo 1 – O “populismo” de Tenório.....	12
Capítulo 2 – O bamba de Caxias.....	20
Conclusão.....	30
Referências Bibliográficas.....	33

## **Resumo:**

Neste trabalho procurei compreender um pouco mais sobre a carreira política de Tenório Cavalcanti, popularmente conhecido como o “Homem da capa preta”. A pesquisa se baseou em fontes da grande imprensa, que foram amparadas pela bibliografia disponível sobre o personagem e o contexto político do Brasil dos anos 1950.

Inicialmente, destaquei a importância de Tenório Cavalcanti para o cenário político e o desenvolvimento da Baixada Fluminense. Em seguida, tomando como partida o assassinato do delegado Albino Imparato, avalio nas entrelinhas das reportagens jornalísticas a maneira pela qual a figura do chamado “Deputado Pistoleiro” foi representada.

Busquei entender mais claramente como um homem temido pelos rivais, por conta do emprego da violência na resolução de disputas naquela região, mas também admirado por muitos seguidores, tornou-se um dos políticos mais famosos do Brasil.

## **Palavras-chave:**

Tenório, Imparato, política, Rio de Janeiro.



## Introdução

No Rio de Janeiro de meados nos anos de 1950, um crime ocorrido na Baixada Fluminense, mas precisamente em Duque de Caxias, chamou atenção do Brasil. O delegado de polícia dessa cidade foi assassinado a sangue frio dentro de um automóvel, no qual estavam também dois de seus subordinados. Albino Imparato foi alvejado por muitos tiros e acabou perdendo a vida.

Muito se especulou sobre o fato, mas o principal suspeito era o deputado federal Tenório Cavalcanti, dono de um nome poderoso, já consolidado na Baixada Fluminense. Um homem quase folclórico aos olhos do povo, que já tinha um histórico de desavenças com a vítima, e uma vasta lista de crimes não comprovados em suas costas.

Muitos o viam como uma pessoa ruim, pois ele não tinha pena de seus inimigos; já outros o viam como um homem do povo, que ajudava quem precisasse de uma mão amiga. Padrinho de muitos políticos da Baixada Fluminense, Tenório Cavalcanti era um homem peculiar, tanto na vida pessoal, quanto na vida pública.

Pode-se pensar que estar ao lado dele podia significar risco de vida para seus seguidores, porém, ao contrário, essa ligação dava uma sensação de segurança – não apenas física, mas também espiritual, considerando o imaginário mítico que existia em relação a Tenório Cavalcanti.

Nesta monografia abordarei uma parte da vida política de Tenório Cavalcanti, o “Homem da capa preta”, como ele era conhecido em sua área de atuação, a Baixada Fluminense de meados do século XX. O que me chamou atenção no personagem de estudo, além de certo grau de parentesco comigo, foi a forma como ele levou sua vida, em termos

privados e públicos, sempre referido à violência e ao poder bélico.

Inicialmente destacarei a importância de Tenório Cavalcanti para o cenário político e o desenvolvimento da Baixada Fluminense, com a hipótese de que a trajetória pública do personagem é central para o entendimento histórico das práticas clientelísticas e o entrelaçamento da política institucional e a violência na Baixada Fluminense. Analisarei essas questões no primeiro capítulo.

Tomando como ponto de partida a morte do delegado Albino Imparato, também pretendo avaliar nas reportagens jornalísticas a maneira pela qual a figura de Tenório Cavalcanti era representada para o leitor do Rio de Janeiro. Para tanto, utilizarei os jornais *Luta Democrática*, que era propriedade do próprio político, *Correio da Manhã*, a marca mais valiosa do jornalismo carioca nesse período, além da *Última Hora*, de perfil popular e favorável ao então presidente Getúlio Vargas – o que a tornava rival do periódico de Tenório Cavalcanti, partidário da União Democrática Nacional (UDN). Esta análise será realizada no segundo capítulo, em que trabalharei com a hipótese de que Tenório Cavalcanti obteve ganhos simbólicos nas disputas políticas regionais após o assassinato de Albino Imparato, do qual foi apontado como mandante pela opinião pública.

Como bibliografia referencial, utilizarei o livro de Israel Beloch, editado a partir de sua dissertação de mestrado. O autor faz um apanhado geral da vida de Tenório Cavalcanti desde sua chegada ao Estado do Rio de Janeiro, na região de Duque de Caxias, onde ele iniciou a sua trajetória política e outras práticas ilegais. Em sua obra, o pesquisador explica a representatividade do personagem tanto em termos políticos, quanto sociológicos. Assim, mostra como uma política com nuances coronelísticas “funcionava” em uma região densamente povoada e territorialmente extensa.

Como sua fonte principal, o autor opta pela já citada *Luta democrática*, entre 1954 e 1964, e entende que, embora esse documento não seja imparcial, serve para evidenciar o tipo de política praticado do “Homem de preto”. Esse usava o jornal para tentar reverter situações que não lhe eram favoráveis, noticiadas em outros periódicos. Beloch também menciona os arquivos do Partido Social Democrático (PSD) do Rio de Janeiro, onde encontrou diversos vestígios da atuação de Tenório Cavalcanti na política. O pesquisador tem a pretensão de entender como um político que agia quase abertamente fora da lei conseguiu tanta fama, aclamação popular e aliados políticos; essa é a principal questão da obra. Para o leitor fica claro que Tenório Cavalcanti só era “bom” com quem lhe fosse favorável, do contrário, ele poderia ser o pior dos vilões, tanto na política, quanto na vida privada.

Após essa leitura, encontrei um verbete no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), escrito pelo próprio Beloch, onde ele resume as principais ideias de sua obra. Nele é evidenciada a ambiguidade da trajetória política do “Homem da capa preta”, ou seja, Tenório Cavalcanti não tinha um ideal político, ele ia para aonde lhe viria a calhar, sempre sustentando a bandeira em prol do povo. No momento em que entrou para a vida política, integrou a União Progressista Fluminense (UPF), indicado pelo seu padrinho Getúlio Moura. Quando Tenório Cavalcanti se filiou à UDN, aquele outro político se tornou seu rival.

A última obra escolhida para discussão foi a de José Cláudio Souza Alves, também um trabalho acadêmico, que antes de ser editado em livro foi defendido como tese de doutorado. O autor empreende uma pesquisa de fôlego em arquivos de diversos jornais do Rio de Janeiro. O livro é de grande valia para se entender as relações de poder que desde os anos 1920 vêm ocorrendo na Baixada Fluminense. Além de

inserir o “Homem da capa preta” no contexto político de Duque de Caxias, a leitura ajuda a entender como ele conseguiu acesso rápido à política, o que na obra de Beloch não fica evidente.

Apesar do fato de que irei analisar documentos e contextos históricos já visitados por outros autores, a relevância acadêmica deste trabalho está no fato de que explorarei com mais vagar o contexto histórico referente ao assassinato de Imparato, e o período imediatamente posterior. Tenho a intenção de entender como o primeiro continuou no exercício da política mesmo depois dessa ocorrência – tratada como escândalo nacional –, e de que forma esse evento marcou a sua prática política nos anos posteriores.

Em termos de relevância social, o reforço da pesquisa sobre esse personagem pode ser relevante para se compreender a prática política na Baixada Fluminense, mais especificamente, os seus entrecruzamentos com a violência – Tenório Cavalcanti pode ser tratado como um dos pioneiros nesse tipo de condução dos negócios públicos na região, desde sua chegada no fim dos anos 1920. Até hoje a Baixada Fluminense tem incidentes de confrontos armados e disputas territoriais, sendo que certas lideranças políticas regionais são egressas de grupos de extermínio.

Uma característica que fica explícita em sua trajetória pública é a sua incrível popularidade, todo tipo de gente o conhecia, do trabalhador comum da Baixada Fluminense aos malandros da cidade do Rio de Janeiro. Tenório Cavalcanti inspirou composições de nomes conhecidos da música popular brasileira, todas elas produzidas na década de 1950, época em que o político havia ficado famoso depois de aparecer diversas vezes na sessão policial dos jornais. Nas canções, a maioria dos autores sabem de quem estão falando, e o quanto o personagem podia ser perigoso. Esse geralmente aparece como um sujeito generoso que tem como objetivo ajudar o povo do

qual ele diz fazer parte. Porém, tais músicas estavam cercadas de ironias e fazem alusão ao seu comportamento violento e clientelista, como no samba de breque “Bamba de Caxias” (1959), cantado por Moreira da Silva, o Kid Morangueira, que também é o seu autor, ao lado e Ribeiro Cunha:

“Arranjo emprego prá quem está desempregado.  
Arranjo água prá quem tem cano furado.  
Sou pistolão e amigo de qualquer um,  
Mesmo de quem tem dinheiro, mesmo de quem vive a vida  
Sem nenhum. Eu sou protetor de quem é fraco e oprimido.  
Eu nunca fui fingido como alguns colegas meus.  
Graças a Deus, eu sou um homem respeitado, glória do meu  
estado,

O maior e sem igual – E qualquer um quer ser meu cabo  
eleitoral.

- Se não votar por bem... vota por mal...  
A minha capa preta não tem medo de careta,  
Não dispenso parada, nem por nada deste mundo,  
Se alguém folga comigo, me avexo ou perco a linha,  
Aí eu tacho o dedo no gatilho da Lurdinha... Brrrr”.

## Capítulo 1 – O “populismo” de Tenório

Tenório Cavalcanti foi um político popular. A capa preta que lhe deu o famoso apelido estava sempre presente em seu vestuário e escondia sua metralhadora “Lurdinha”, mencionada na citada canção. Ele nasceu no município de Palmeira dos Índios, Alagoas, em 27 de setembro de 1906, e ficou sem o pai aos 12 anos (morto à bala por questões pessoais). Ainda muito jovem se mudou para o estado Rio de Janeiro, onde inicialmente sobreviveu de “bicos”. A ligação com os Mangabeira,<sup>1</sup> da Bahia, o teria ajudado em seu novo destino; assim, administrou fazendas na região de Nova Iguaçu, onde foi eleito vereador em 1936.

Mesmo com ideais considerados “populistas”, como a ajuda aos mais necessitados, Tenório Cavalcanti fez oposição a Getúlio Vargas. Em 1945, filiou-se à UDN e se tornou aliado de Carlos Lacerda, o maior inimigo do presidente. Por esse partido, foi eleito deputado estadual no Rio de Janeiro para integrar Assembleia Constituinte, e depois conquistou três mandatos seguidos de deputado federal no mesmo estado da União – 1950, 1954 e 1958 –, tendo conseguido o maior número de votos nesse último ano<sup>2</sup>. A sua inserção na UDN era, de certo modo, peculiar. As suas atitudes como político estavam mais atreladas às ideias postas em prática pelos partidários do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Mais tarde, ele romperia com Carlos Lacerda, uma importante liderança da UDN, e integraria o Partido Social Trabalhista (PST), de menor porte. Não obstante, Tenório Cavalcanti se formou pela antiga Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro e conduziu o jornal *Luta Democrática*, de forte apelo popular.

Poderíamos dizer que o “Homem da Capa Preta” é o representante de um tipo de ala popular da UDN, partido que era conhecido por ser oposição ao

---

<sup>1</sup> No caso específico, Otávio Mangabeira, que foi governador da Bahia e ministro das relações exteriores de Getúlio Vargas. Otávio é irmão de João Mangabeira, constitucionalista e importante político de meados do século XX, e avô de Roberto Mangabeira Unger, filósofo e ativista político que leciona na Harvard Law School.

<sup>2</sup> Tenório Cavalcanti obteve 42.060 e 46.029 votos, respectivamente. Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE): [http://estatistica.tse.jus.br:7777/dwtse/f?p=1945:2:::NO:RP:P0\\_HID\\_MOSTRA:S](http://estatistica.tse.jus.br:7777/dwtse/f?p=1945:2:::NO:RP:P0_HID_MOSTRA:S). Acessado em: 10/12/2017, às 19h00m.

governo federal junto à classe média, na capital da República. Segundo Maria Victória Benevides, várias correntes políticas formaram a UDN, embora todas elas tivessem em comum a proximidade com as classes médias da população – enquanto as classes mais baixas estariam vinculadas à política trabalhista fundada por Getúlio Vargas.<sup>3</sup>

A imagem de Tenório Cavalcanti não foi construída apenas de rumores e boatos, mas também no passado cultural da população da Baixada Fluminense. A visão sobre a construção da imagem do “Deputado Pistoleiro” e a sua atuação no campo político regional constituem um interessante foco de análise. Silva (2011) abordou o conjunto de significados e códigos culturais ligados à maneira como o personagem se portava na vida pública e a sua forma de atuar na política. Mais do que meramente a descrição de suas características de liderança popular, o autor chamou a atenção para a construção de processos de identidade, que se formam pela interação entre os atores que podem criar meios de inclusão ou exclusão social. As matérias publicadas no jornal do “Homem da capa preta” são importantes nesse sentido, e por isso citarei o trecho a seguir:

“Não depende de estações de televisão, de rádios, de jornais, de campanhas publicitárias. Tenório é! Ninguém o manipulou ou criou, como mito, apoiado neste ou naquele grupo econômico, criado, feito, produzido, como em linha de montagem, como quem fabrica painéis, motores ou aspiradores de pó (...) Tenório construiu a sua própria legenda e foi o povo quem o levou e o sustenta à sua frente, como líder autêntico. “*Luta Democrática* (11/09/1962, p.5).

Esse texto é um ótimo exemplo da valorização das suas características de líder carismático, com a confiança, portanto, de que elas não apenas se encaixavam na época, como também tinham um sentido positivo para o seu leitor. Posso descrever certos padrões de fala transpostos por símbolos e valores da expressão política de Tenório Cavalcanti. Em primeiro lugar, é possível observar a importância dada ao pensamento de que a política é um lugar de sofrimento, e que um político bom deve por obrigação se sacrificar pelo seu povo, sendo menos importante estabelecer acordos com seus pares; em segundo, há a construção de um discurso popular, contra qualquer elitismo, seja ele monetário ou político; por

---

<sup>3</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**. Coleção Estudos Brasileiros, 51 vol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

último, existe um posicionamento a favor do trabalhador rural, do interior, mas também do pobre em geral que não possui direitos trabalhistas – nessa perspectiva, o trabalhismo é uma ideologia que privilegia o trabalhador das metrópoles (SILVA, 2011). Esse tipo de discurso aparece bastante no filme *O Homem da Capa Preta* (1986), dirigido por Sérgio Rezende, o qual abordarei com mais vagar na conclusão deste trabalho. Por ora, vejamos o seguinte fragmento:

(...) o partido trabalhista brasileiro representa 5% da população da capital da República, 5%! E verificamos que residem nas favelas, no Rio de Janeiro, 7% da população. (...) A maioria desses favelados são párias, que vêm chicoteados pela fome. (...) e assim é o Brasil dos que não são trabalhistas<sup>4</sup>.

Nesse discurso, Tenório Cavalcanti argumenta a favor da população que não votava, grande parte desempregada. O deputado dizia que essa parcela do povo não estava inclusa na definição de povo dos PTB: “70% da população do Distrito Federal não é povo? (...). O partido Trabalhista Brasileiro é representante de trabalhadores, e representa 3% da população da Capital da República!”<sup>5</sup>.

Aqueles três fatores eram expressos tanto em seu jornal, quanto no Parlamento. Essas características contribuíram para que Tenório Cavalcanti pudesse criar um mito em torno dele, baseado em histórias e lendas de forte apelo popular. A sua valorização como um líder carismático dá a entender que ele se cercava de uma dimensão simbólica. Esse lado do político indica que sua trajetória se confundia com um sistema de valores que traduzia a vida social e uma determinada moral coletiva – e com isso se igualava às emoções e sonhos compartilhados pela população que vivia no espaço em que atuava (SILVA, 2011).

Tenório Cavalcanti ficou conhecido como um ator peculiar na política carioca. Como havia poucos políticos populares para representar a UDN, que era oposição ao PTB, lá estava ele. Pode ter sido essa mesma divergência política que gerou diversos conflitos armados envolvendo direta e indiretamente esse

---

<sup>4</sup> Anais da Câmara dos Deputados, abril de 1951. *Apud*: SILVA, Claudio Araujo de Souza. O espaço de Tenório Cavalcanti no campo político do Rio de Janeiro. *Mediações*, v.16, n.1, Jan./Jun. 2011.

<sup>5</sup> *ibid.*

personagem. Na Baixada Fluminense, a política se misturava à violência, o que fez com que os votos muitas vezes fossem disputados a tiros.

Todo processo de votação seguramente teve influência para essa violência: o tipo de distribuição das cédulas eleitorais usadas na época, por partidos ou jornais, deixava brechas para que houvesse controle sobre o voto. O popular que fosse pego carregando uma cédula que fosse de um candidato rival podia sofrer represálias. Vale ressaltar que eram comuns as arbitrariedades no sistema eleitoral brasileiro, inclusive no século anterior, como descreve José Murilo de Carvalho<sup>6</sup>. Tenório Cavalcanti fazia várias denúncias contra a polícia caxiense (dominada pelo PSD), a qual prendia e torturava possíveis eleitores da UDN. Em um de seus discursos na Câmara dos Deputados, falou que quem fosse contra aquele controle político seria ameaçado: “(...) em Caxias, como em todo o estado do Rio, quem não for amaralista, quem não for getulista, quem não for protegido pelo poder dominante é, hoje, julgado inimigo do governo, comunista, bandido<sup>7</sup>”.

A imagem pública do “Deputado Pistoleiro” precisava de um significado próprio que o ligasse diretamente às massas. Ela firmava sua base na narrativa que anunciava a sua oposição às elites e a defesa do trabalhador rural, do campo, mas de maneira geral, o desfavorecido que não possui direitos trabalhistas, conforme escrevi anteriormente. Toda campanha eleitoral criada em regimes democráticos pelo mundo explora essa relação entre o político e as massas, no sentido positivo e negativo. Entender a forma como essa relação é percebida pelo povo, seus sentidos, suas linguagens e seus códigos culturais pode ser a melhor maneira para decifrar a cultura política de uma região que era densamente povoada por imigrantes nordestinos e pobres, ou seja, compatriotas de Tenório Cavalcanti (SILVA, 2011).

Em Duque de Caxias, como em toda Baixada Fluminense, a prática da violência com fins políticos era banalizada. No período analisado existem diversos relatos de chacinas, com objetivo de eliminar opositores e demonstrar poder, com a manutenção das estruturas instituídas.

---

<sup>6</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>7</sup> Anais da Câmara dos Deputados, abril de 1951, *apud*: SILVA, Claudio Araujo de Souza. *op. cit.*

“A legitimação da violência foi frequentemente obtida, pelos membros do clã, através do exercício de cargos públicos. [...] Na prática, os grupos armados sob o comando de um fazendeiro escapavam ao controle das autoridades reais ou imperiais, que se viram forçadas a dar-lhes um status legal, ou quase legal, como unidades militares. Tendo sido a violência assim institucionalizada, a transformação do poder privado em poder público foi um processo rápido. [...] Em algumas ocasiões ocorreram confrontos entre grupos armados públicos e particulares, e tornaram-se cada vez mais frequentes na medida em que os potentados estaduais e locais muitas vezes travaram lutas eleitorais nos séculos XIX e XX.”<sup>8</sup>

Tenório Cavalcanti tinha um caráter violento, mesmo que o próprio não admitisse, e esse comportamento expressa a naturalização do emprego da solução armada para a resolução de conflitos políticos, na Baixada Fluminense. É possível entrever essa questão quando o “Homem da capa preta” proferiu uma frase em resposta a um popular presente ao seu comício: “Pistoleiro não, sou um homem digno e correto nas minhas atitudes!”<sup>9</sup>

Em termos políticos mais amplos, um conceito que pode ser usado para analisar a atuação do personagem é o de “populismo”, trabalhado por Francisco Weffort<sup>10</sup>, pois nesse contexto Tenório Cavalcanti se apresentava como um líder carismático, que lutava pelo interesse das “massas”. Nas palavras de autor:

“... O líder será sempre alguém que já se encontra no controle de alguma função pública – um Presidente, um governador, um deputado, etc. - isto é, alguém que, por sua posição no sistema institucional de poder, tem a possibilidade de “doar”, seja uma lei favorável às massas, seja um aumento de salário ou, uma esperança de dias melhores”.<sup>11</sup>

O populismo é visto por Weffort por meio de uma dupla perspectiva: “como estilo de governo, sempre sensível às pressões populares, ou como política de massas...”. O cientista político explica a ambiguidade, ou a duplicidade, do conceito de populismo, ao mesmo tempo uma forma de manipulação pelas classes

<sup>8</sup> GUIMARÃES, Alberto Passos. **As Classes Perigosas Banditismo urbano e rural**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. p. 160.

<sup>9</sup> *Diário de Natal*, 17 de setembro de 2006. *apud*: SILVA, Claudio Araujo de Souza. *op. cit.*

<sup>10</sup> WEFFORT, Francisco Corrêa. “O populismo na política brasileira”. In: \_\_\_\_\_. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Cap. 3.

<sup>11</sup> *ibid.* p. 73.

dominantes, mas também uma forma pela qual os trabalhadores conseguiram se manifestar politicamente:

“O populismo foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações. Foi, ao mesmo tempo, uma forma de estruturação do poder para os grupos dominantes e a principal forma de expressão política da emergência popular no processo de desenvolvimento industrial urbano. Foi um dos mecanismo através dos quais os grupos dominantes exerciam seu domínio mas foi também uma das maneiras através das quais esse domínio se encontrava potencialmente ameaçado”.<sup>12</sup>

Essa natureza bifronte fica mais evidente quando o autor afirma que a manipulação é sempre limitada e, para reforçar essa noção, utiliza o termo “aliança” (ainda que oculta) como alternativo ao de “manipulação”. Tratar-se-ia então de uma: “Aliança na qual evidentemente a hegemonia se encontra sempre com os interesses vinculados às classes dominantes, mas impossível de realizar-se sem o atendimento de algumas aspirações básicas das classes populares (...)”.<sup>13</sup>

O emprego do conceito de “populismo” neste trabalho deve vir acompanhando de uma consciência crítica em relação a ele, ou seja, é importante entender os limites, mas ao mesmo tempo reforçar a sua validade para esta pesquisa. Marcelo Badaró Mattos critica a ideia de sindicato populista:

“Da avaliação da estrutura sindical, como do diagnóstico dos movimentos grevistas, pelos estudos clássicos sobre o “sindicalismo populista”, fica a impressão de um afastamento irremediável entre lideranças e bases, vanguardas e trabalhadores, quer se interpretasse esse afastamento como consequência da falta de consciência das massas operárias ou como fruto das opções conscientes das direções(que, se foram seguidas ou pouco questionadas, também indicariam uma consciência frágil das bases)”.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> *ibid.* pp. 62-3.

<sup>13</sup> *ibid.* pp. 75-6.

<sup>14</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. et al. *Greves e repressão policial ao sindicalismo carioca 1945-1964*. In: \_\_\_\_\_. **Os historiadores e os operários: um balanço**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 21.

O mesmo autor relativiza certa tradição baseada na obra de Weffort, a qual se acostumou a tratar os trabalhadores de forma equivocada, que praticamente lhes nega o papel de sujeitos da própria história. No entanto, a importância do conceito de populismo se dá pela ideia de que o seu uso:

“tentava dar conta da explicação de uma realidade contraditória – nos termos colocados por seus formuladores, uma contradição centrada na proposta de incorporação controlada das massas à política, que abria, entretanto espaços de mobilização autônoma não comportados pelos canais de participação restritos criados segundo aquela proposta inicial”.<sup>15</sup>

Em outras palavras, apesar das necessárias críticas, o conceito de populismo é válido porque ele não perde de vista a explicação da contradição social. O caso político de Tenório Cavalcanti também pode ser entendido por meio da ideia de práticas sociais assistencialistas arbitradas por códigos de pertencimento fundamentados em categorias como amizade e lealdade. Mário Grynszpan<sup>16</sup> afirma que o compadrio, a amizade e a patronagem formaram as bases das redes sociais encontradas na política do “Homem da capa preta”. A habilidade de administrar a violência fez com que ele, aos poucos, conseguisse criar um regimento particular, formado na maioria por parentes e amigos oriundos do Nordeste. Com isso ele conseguia manter a proteção não somente de figuras importantes da elite local, como também a de incontáveis imigrantes nordestinos que chegavam à Baixada Fluminense sem terra ou trabalho.

Tenório Cavalcanti colocava mais evidência na amizade e na lealdade do que à racional troca de favores, estabelecida através das relações clientelísticas. Grynszpan nota que:

“Em sua política, em seu grupo, ao invés de uma organização de militantes, o que se observa era uma ampla rede de relações pessoais, de amizade, parentesco e patronagem, trançada pela reciprocidade, a dependência, a lealdade e a deferência, tendo no líder seu fio central e produzindo uma identificação direta entre este e os demais componentes. Num tal quadro, uma ofensa a um destes era igualmente lida como um ataque pessoal ao líder. Buscando, assim, atingir Tenório, seus adversários

---

<sup>15</sup> *ibid.* p. 34.

<sup>16</sup> GRYSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, no 14, 1990.

agrediam também aqueles que a ele se ligavam”.<sup>17</sup>

No exercício do seu cargo político, Tenório Cavalcanti conseguiu se aproximar por vezes do poder federal. Foi o que ocorreu, por exemplo, após as enchentes que assolaram Duque de Caxias, em 1958. Nessa ocasião, ele articulou os contatos com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), a fim de destinar verbas para a construção da Vila São José, e assim abrigar as vítimas. Porém, essa associação com o governo da União não foi o padrão de suas práticas políticas.

Com todas essas informações podemos enxergar Tenório Cavalcanti como um político controverso. Apesar de ajudar o povo caxiense, principalmente os nordestinos que ali chegavam à busca de melhores condições de vida, ele o fazia em troca de votos. Para tanto, funcionários do deputado ficavam sempre a postos no local aonde chegavam os imigrantes, e ali mesmo eles já podiam adquirir documentos e as demais condições básicas para começar sua nova vida, tudo em nome do político Tenório Cavalcanti. Com esse tipo de estratégia, ele conseguiu uma enorme quantidade de eleitores na Baixada Fluminense, mas também uma enorme quantidade de inimigos, principalmente os proprietários de terras locais, que estavam perdendo parte delas para a criação de comunidades voltadas aos nordestinos que ali chegavam. E essas áreas eram protegidas por capangas do “Homem de preto”.

---

<sup>17</sup> *ibid.* p. 81.

## Capítulo 2 – O Bamba de Caxias

Sabemos que, além de exercer função pública como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Tenório Cavalcanti fundou o periódico *Luta Democrática*. Tal ocorreu em fevereiro de 1954, em parceria com Hugo Baldessarini<sup>18</sup>, na cidade de Duque de Caxias. O seu lema era: “Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar”. O veículo da imprensa focava a Baixada Fluminense, e chamava atenção pelo tema central das notícias, a maioria sobre crimes ocorridos na região.

Tenório Cavalcanti era conhecido pela violência, um elemento importante para o controle que ele impunha sobre a Baixada Fluminense, e essa imagem foi fortalecida ainda mais com ajuda do seu jornal. A imagem do “Homem da capa Preta” como um político que fazia justiça com as próprias mãos e assim defendia os interesses do povo foi confirmada pelo periódico, que se preocupava em transformar essa imagem violenta em uma característica positiva. As suas cicatrizes por todo o corpo, frutos de diversos confrontos armados, ajudava ainda mais a criar o mito de “corpo fechado” de Tenório Cavalcanti, o que confirmava uma política baseada em confrontos.

Essa forte produção simbólica em torno de tal personagem fica evidente em uma pequena charge (figura 1) na primeira edição do jornal:

---

<sup>18</sup> Primeiro redator-chefe da *Luta Democrática*.



Figura 1: Charge do jornal *Luta Democrática* (03/02/1954, p.1).

Vemos que a imagem se relaciona com o adereço que Tenório Cavalcanti costumava utilizar (o chapéu preto). Já o texto o associa à defesa do povo, além de se posicionar contra o Estado Novo e quem fosse interessado em seu retorno. Vale ressaltar a contradição presente ao trecho específico que dá a entender que o presidente teria chamado Tenório Cavalcanti de “mártir nacional” – afinal, a charge que é contrária à obra política de Getúlio Vargas se apropria do prestígio desse para validar o suposto heroísmo do político da Baixada Fluminense.

Pesquisando a *Última Hora*, que mantinha uma posição pró-Getúlio, encontrei dois títulos de matéria envolvendo os principais personagens deste capítulo, Tenório Cavalcanti e o delegado Imparato:

“Tiroteio em Caxias entre a policia e o deputado: o delegado Imparato tirou o “cartaz” de Tenório”.

*Última Hora* (12/02/1952, p.1).

Explicando melhor esses escritos, Tenório Cavalcanti fazia campanha pública contra o presidente, colando diversos cartazes em Caxias com os dizeres: “Só o Governo de Concentração Nacional Poderá Dar ao Povo o Que Ele Espera: Justiça Social”. Ao que tudo indica, esse material político vinha sendo arrancado

das paredes e dos postes por ordem de Imperato. Certo dia, Tenório Cavalcanti se dirigiu à delegacia, onde ouviu “poucas e boas” do tal delegado e, quando foi embora, houve um tiroteio que durou cerca de uma hora – com os policiais em casas e ruas estratégicas, e o deputado e seus homens entrincheirados na “Fortaleza”, a casa blindada sem aberturas e com portões de aço, onde residia o político.

O jornal de Tenório Cavalcanti construiu a imagem desse como um herói do povo, contando diversas histórias de que ele passou perto da morte, sendo ele um homem capaz de se sacrificar pelos os seus companheiros e principalmente pela população. O nome do jornal já dizia muito sobre ele, o qual dá a ideia de que o “Homem da capa preta” se colocava sempre na linha de frente pelos seus, o que podia despertar a admiração e o voto de muitos.

A *Luta Democrática* destacava a imagem do político que utilizava a violência para lutar pelos direitos do povo. Um bom exemplo foi a seguinte declaração escrita por um dos editores do jornal:

“A capa preta que o cobre não representa um hábito comum ou um bom gosto. Acoberta a arma que o garante na sua integridade física. Mas que país é este em que um representante da nação tem que contar consigo próprio para poder lutar em nome daqueles que, embora humildes, são a própria seiva da nacionalidade”. *Luta Democrática* (01/05/1954, p.7).

O político acabou construindo o próprio mito através do seu jornal e de seus discursos, mas é preciso lembrar que os códigos culturais que ele mobilizou não teriam apelo se ele não conseguisse estabelecer um contato direto com a população. Além de colocar o político simpático em contato com o povo, os processos de identidade construídos por esse canal de comunicação foram capazes de criar uma rede da qual Tenório Cavalcanti era parte integrante.

“O povo vê em Tenório o seu filho amado e temido, o vingador, o que faz com soberba audácia, o que eles, homens do povo, não ousam nem têm condições de fazer”. *Luta democrática* (11/09/62, p. 5).

Além desse tipo de comunicação direta com o povo, a política também é feita por práticas sociais. Nesse caso, as práticas são entendidas como instrumentos que reforçam a forja do mito. Tenório soube como utilizar o jornal

como uma forma de se promover politicamente. No caso da morte de Imparato, por exemplo, transformou o conteúdo policial do caso em um atentado da polícia do Estado contra a honra de um parlamentar e de seus familiares, manejando a situação a seu favor. Outro texto que pode ser citado nesse sentido se refere à notícia dada por seu periódico, a 24 de setembro de 1953, de que um protegido seu, preso em Niterói, fora espancado pela polícia, que queria informações sobre a morte de Imparato. Apesar de ser uma notícia vinda de uma fonte parcial, lendo a obra de Israel Beloch<sup>19</sup>, vemos uma insistente luta do deputado para denunciar as agressões que a polícia cometia contra o povo da Baixada Fluminense.

“A tortura era o método rotineiro de tratar os presos. O alicate a melhor arma da polícia. Arrancavam-se unhas, dilaceravam-se músculos, quebravam-se ossos, esmagavam-se testículos, para extrair confissões. Para salvar a pele o povo tinha que calar. Os juízes não se sentiam garantidos para concessão de *habeas corpus*...<sup>20</sup>”.

Antes da morte do delegado Imparato, Tenório Cavalcanti esteve envolvido em outros episódios violentos. Ferido por vários disparos em um tiroteio em Caxias, no qual três pessoas morreram e mais cinco pessoas feridas, o Homem da Capa Preta teria ficado com uma bala alojada na base do crânio, além outras duas, junto à espinha e o pulmão, respectivamente. Durante a sua recuperação, misteriosos incidentes vinham acontecendo com os que o seguiam. A polícia, para se desfazer dos corpos daqueles que morriam sob tortura na delegacia, criava cenários de acidentes, onde as vítimas apareciam jogadas em estradas de grande movimento, nas linhas de trem ou no Rio Meriti.

O episódio envolvendo o delegado Imparato proporcionou diversas notícias nos principais periódicos do Rio de Janeiro. O mais interessante é que antes mesmo de sua morte, já haviam sido noticiados casos de atentados contra a sua vida, a maioria tendo Tenório Cavalcanti como principal mandante. O jornal “*Última hora*” noticiou algumas dessas tentativas:

“O pistoleiro de Caxias acusado de novo crime: Outro atentado contra o delegado do “Município da Bala” – Há sete meses foi

<sup>19</sup> BELOCH, Israel. **Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o Povo da Baixada**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

<sup>20</sup> SILVA, Arlindo. **Memórias de Tenório Cavalcanti: segundo narrativa a Arlindo Silva**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954. p.79.

tiroteado por capangas do deputado – Estavam de tocaia atrás da residência da autoridade – Seguem reforços de Niterói para a cidade Fluminense”.

“*Última hora*”, (28/05/1952, p. 6).

“Caxias “Far West” a 40 minutos do rio; Tenório está comprando briga com os políticos: Para começar, faz fogo contra o delegado Imparato e aponta contra a delegacia – Duelo de metralhadoras madrugada adentro – Perigo de vida na cidade Fluminense.”

“*Última hora*” (29/05/1952, p. 5).

Meses depois, no ano da morte do delegado, o *Correio da manhã* noticiou dia 3 de janeiro de 1953, um evento dentro da Câmara dos Deputados: “*Tenório Cavalcanti ameaça de morte o delegado Imparato*”. A notícia se encerra com uma frase que o deputado teria dito na sessão, segundo a qual Imparato iria sair somente como um “*feixe de ossos*”, caso os dois se encontrassem.

A fama do “Homem da capa preta” era tanta que muitos o consideravam capaz de fornecer a segurança e a defesa das populações ligadas a sua influência política. O seu jornal fazia campanha para ele assumir o policiamento de Duque de Caxias.

“Falando da falta de ordem em todo o município e na cidade, disse o deputado Almir Moura: “Só há uma solução – concluiu – é entregar o policiamento de Caxias ao deputado Tenório Cavalcanti, porque este saberá manter a ordem e a lei em melhores condições do que a própria polícia.” *Luta Democrática* (26/03/1954, p. 2).

A morte de Imparato deu fim a uma “guerra” que se seguia na Baixada Fluminense, desde que ele havia sido contratado pelos ricos caxienses para acabar com força do “Homem da capa preta”. Nessa época, esse teve a casa metralhada, familiares ameaçados e certos capangas executados. O delegado era de uma tradicional família paulista e decidiu ser policial no estado do Rio de Janeiro, sendo designado pelo então Secretário de Segurança Pública, Coronel Barcelos Feio – homem de confiança do Governador Ernani do Amaral Peixoto – para comandar a Delegacia de Polícia de Duque de Caxias, que ficava a menos de 100 metros da “Fortaleza” que era a casa de Tenório.

A disputa entre o delegado e o deputado começou a ter fim durante um baile na Associação Comercial no dia 25 de Agosto de 1953. O incidente ocorreu

devido à intenção de Bereco, ajudante de Imparato, de entrar na Associação Comercial para revistar os presentes, em busca de armas. No momento, era realizado um baile em comemoração ao “Dia do Soldado”. Bereco foi barrado na entrada por protegidos de Tenório Cavalcanti e ali começou a troca de tiros que se seguiu, envolvendo também o deputado federal Peixoto Filho, que estava (armado) na festa e resolvera defender Tenório Cavalcanti. Em entrevista ao *Última Hora*, Imparato comentou o incidente:

“Defende-se o Delegado Imparato: - Ora, os adversários só poderão dizer que fui eu o mandante...”.  
*Última Hora* (26/08/1953, p. 4).

Em sua defesa, o delegado afirmava que ele não poderia ser o mandante da tentativa de invasão ao tal ambiente, e nega qualquer participação no ocorrido, afinal ele era a autoridade local, e não um pistoleiro qualquer. Na noite de 28 de agosto, Bereco e o delegado foram mortos na porta de um dos hotéis do centro da cidade, local de encontros amorosos. Bereco e o delegado foram metralhados dentro de um carro, por ocupantes de outro veículo que teriam passado atirando. O *Última Hora* publicou: “*Imparato Fuzilado com três rajadas de metralhadora!*”. *Última Hora* (28/08/1953, p. 2).

Tenório Cavalcante acabou sendo apontado pela polícia como mandante do duplo homicídio pelo delegado Wilson Fredericci, e também por Barcelos Feio (figura 2), encarregado das investigações, enquanto a autoria material era atribuída a um primo do deputado, Pedro Tenório. Por conta dessa investigação, Fredericci organizou uma operação para invadir a “Fortaleza de Tenório”, reunindo policiais civis e militares do Estado do Rio de Janeiro.

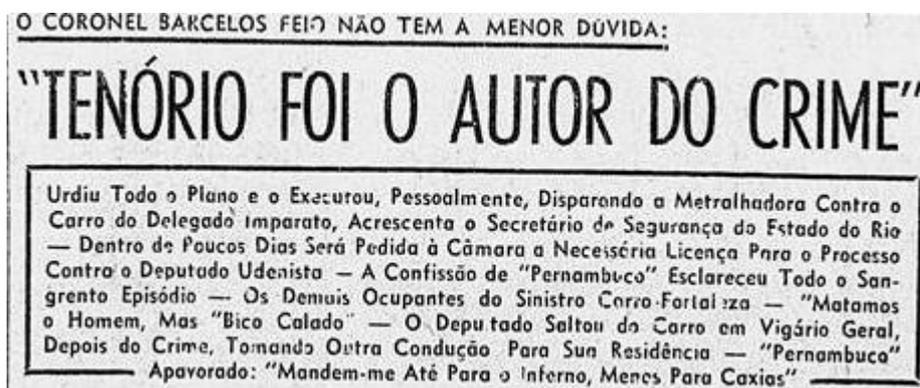


Figura 2: *Última Hora* (02/09/1953, p. 4).

O coronel Feio foi incisivo: “*Foi ele quem urdiu o plano e quem atirou de metralhadora contra o delegado Albino Imparato e seus auxiliares...*”. A invasão só não ocorreu por interferência de senadores e deputados, amigos de Tenório Cavalcanti, que resolveram acampar na “Fortaleza”, pois o “Homem da capa preta” anunciara que iria resistir ao cerco policial e dali só sairia morto.

Logo após a morte do delgado, a casa de Tenório Cavalcanti foi cercada de policiais que ficaram lá até o então presidente da Câmara dos Deputados, Nereu Ramos, o ex-ministro da Fazenda, Osvaldo Aranha, e o deputado Afonso Arinos (líder da UDN) irem à Baixada Fluminense e usarem sua influência para manter o “Homem da capa preta” em liberdade. Beloch conseguiu um depoimento de Amaral Peixoto, o então governador:

“O juiz Crotton deu um mandado de busca na casa de Tenório Cavalcanti para prender o indigitado assassino de Imparato, que dizia-se, estava homiziado lá. Mas o Feio se precipitou e começou o cerco às 7 horas da noite, o que, pela Constituição, era proibido. De modo que, à meia-noite, recebi a chegada no meu gabinete de Nereu, do José Augusto e de mais dois ou três deputados, que vinham pedir garantias, que ele havia mandado pedir – inclusive Osvaldo Aranha pediu garantias – que ele estava cercado, que iam matá-lo. Não iam matá-lo, ora, iam prender o assassino que estava lá dentro. Me recordo que na saída o José Augusto ainda me disse ‘É lamentável que nós dois, homens de bem, fiquemos acordados até essa hora da noite por causa de um bandido’”. (BELOCH, 1986, p. 81).

Tudo isso não passaria em branco no jornal de Tenório Cavalcanti. Tempos depois, em sua conhecida “Fortaleza”, ele deu um depoimento sobre esse acontecimento.

“A UDN, com a Câmara Federal, ao defender-me da tocaia amaralista, ideada e posta em prática por esse sórdido criminoso que é o Sr. Barcelos Feio, salvou a dignidade nacional, porque não era o homem que ele salvava, não era o político atacado em seu lar pelos janízaros governamentais, mas a honra da própria Câmara”. *Luta Democrática* (20/08/1954, p. 1).

A morte de Imparato ainda repercutiu nos periódicos mais de um ano após o acontecimento; diversas notícias sobre investigações e os julgamentos dos acusados eram expostos de diferentes maneiras aos leitores. Como esperado, *Luta Democrática* ao noticiar os julgamentos sempre pendia favoravelmente para os

acusados, enquanto o *Correio da Manhã* e a *Última Hora* já o tratavam de maneira diferente.

“Cicero de Paula e Pedro Tenório vão a julgamento: O libelo e a Tese de Defesa – Desdobrado em dois o sensacional julgamento – Declarações do Advogado de Defesa”  
Reportagem do jornal *Luta Democrática* (30/11/1954, p. 1).

O título acima fala sobre o julgamento com pouca relevância e ainda atenta para a tese da defesa. Confirma, assim, que o jornal do deputado estava induzindo o leitor a pensar que os homens de Tenório eram inocentes quanto ao crime.



Figura 3: Manchete do jornal *Correio da manhã* (30/11/1954, p.1).

Analisando a reportagem dos outros dois jornais do mesmo dia, podemos notar a posição de cada um deles. O *Correio da Manhã* não deu tanta importância ao julgamento, mas já denomina os supostos autores como “matadores”, cerca de um ano após o assassinato (figura 3).

Figura 4: *Última Hora* (30/04/1954, p.1).

Ao observar a última imagem (figura 4), retirada do jornal *Última Hora*, fica evidente a diferença em relação aos outros, principalmente, se comparado ao periódico de Tenório Cavalcanti. Nesse título, os supostos autores do crime já são praticamente tratados como os culpados antes mesmo do início do julgamento. Porém, se compararmos ao *Correio da Manhã*, a única sutileza seria o início dos títulos: na figura 3, os matadores ainda teriam direito a um julgamento, enquanto na figura 4, a expressão “Prestam contas” nos leva a entender que os acusados seriam punidos.

Depois de mais um par de anos de julgamentos, os acusados da morte do delegado acabaram saindo impunes. Foram presos algumas vezes nesse meio tempo, porém sempre eram soltos graças a Tenório Cavalcanti e a seus advogados. Essas prisões não foram capazes de tirar essa vitória obtida com

sangue contra mais um inimigo que tentava atrapalhar seu “reinado” em seu território, que era a Baixada Fluminense. Para Tenório e seus comparsas esse episódio (e o recurso ao assassinato de rivais) não era nenhuma novidade, e tampouco o era para o povo da caxiense, vide o histórico do “Homem da capa preta” e seu bando.

Após a morte do delegado Imparato seria coerente imaginar que a carreira de Tenório Cavalcanti sofreria instabilidade, mas aconteceu o oposto. Com fama agora nacional após esse episódio, ele continuou firme na política. Em 1958, grandes enchentes atingiram Duque de Caxias e Tenório Cavalcanti assumiu o projeto de construção da Vila São José, com a finalidade de atender a população que havia ficado sem assistência e moradia. No lugar de um grande mangue, ele conseguiu construir casas e um bairro inteiramente novo para mais de 60 mil pessoas que sofreram com as fortes chuvas.

No final dos anos 1950, Tenório Cavalcanti era o principal líder político da Baixada Fluminense. Mesmo após a sua saída da UDN para o PST, ele continuava a ter o apoio dos eleitores da Baixada Fluminense. Aproveitando essa enorme fama que conquistou, se lançou a governador do recém-fundado estado da Guanabara nas eleições de 1960, como opositor de Carlos Lacerda, o seu antigo companheiro de UDN, e também de Sergio Magalhães, antigo rival do PTB.

Tenório Cavalcanti não conseguiu se eleger, acabou por ficar em terceiro lugar, porém, alcançou números expressivos: 222.942 votos, 23,10% do total. Carlos Lacerda venceu a eleição com 37%, seguido de Magalhães com 34,59%. Vemos que o “Homem da capa preta” foi decisivo na eleição, mesmo não tendo vencido. Os seus votos na Baixada Fluminense foram cruciais para a perda de votos do segundo colocado, pois o PTB (partido de Magalhães) contava com grande parte dos votos das classes mais humildes. Com sua grande influencia na Baixada Fluminense, o “Homem da capa preta” acabou por “roubar” muitos desses eleitores, e deixou Lacerda com vantagem.

Tenório Cavalcanti não desistiu da política após perder a eleição para governador, tendo continuado como deputado federal. Porém, com o início da ditadura militar ele acabaria perdendo os seus poderes parlamentares e retirado do cargo, provavelmente por ter apoiado João Goulart (e se aproximado de Leonel

Brizola). Seja como for, ele se orgulha de nunca ter deixado o Brasil por esse motivo.

## Conclusão

Procurei abordar nesta monografia uma parte da vida de um dos políticos mais temidos e populares da História fluminense. O deputado Tenório Cavalcanti ficou marcado como um “Deputado pistoleiro”, tendo a sua figura se mantido no imaginário brasileiro com a contribuição de representações midiáticas.

Na introdução do trabalho apresentei uma música cantada por Kid Morengueira, que o retratava da maneira irônica e ambígua. Outros artistas também compuseram musicas sobre o “Homem da capa preta”. Em dezembro de 1951, a cantora Adelaide Chiozzo, acompanhada por Carlos Matos, gravou a marcha de Manuel Pinto e Aldari de Almeida, denominada “Lá vem seu Tenório”.

“Lá vem o Seu Tenório,  
Tenha cuidado que esse homem é de amargar.  
Por qualquer coisa pega na metralhadora,  
Puxa o gatilho, tá tá rá tá, tá tá rá tá.

O Seu Tenório é um homem camarada Mas se alguém lhe  
provocar  
Topa sempre a parada.  
Em qualquer briga leva sempre a melhor  
Lá em Caxias Seu Tenório é o maior”.

Na letra podemos observar que Tenório Cavalcanti, não era homem dos mais calmos, por qualquer motivo já mandaria matar. Mas mesmo assim alguns diziam que ele seria um “homem camarada”, e como o final deixa claro, era considerado “lei” em Duque de Caxias.

Jackson Pandeiro foi outro músico que dedicou uma de suas letras a Tenório Cavalcanti, em 1957:

“O Cabo Tenório é o maior inspetor de quartirão  
O Cabo Tenório é o maior inspetor de quartirão  
O Cabo era bamba, disposto danado  
Bem considerado no seu batalhão  
Amigo do praça, do sub-tenente  
De toda a patente de titu e galão  
Zangado era doido, ficava valente  
Virava serpente de punhal na mão

Mas ficava manso e a briga acabava se o povo gritasse lhe dando razão e dissesse

Cabo Tenório é o maior inspetor de quartirão  
 Cabo Tenório é o maior inspetor de quartirão  
 Olha na casa de Tota fizeram um forró  
 Tenório foi só dançar e beber  
 Os cabras de lá quiseram lhe bater  
 Tenório gritou - vixe, vai ter confusão  
 Balançou a mão, deu murro e bufete  
 Tomou canivete, peixeira e facão  
 Os brabos correram quem ficou presente  
 Gritava contente no meio do salão e dizia  
 Cabo Tenório é o maior inspetor de quartirão”.

Nessa canção vemos algumas diferenças em relação às outras apresentadas anteriormente. Dessa vez, Tenório Cavalcanti é aclamado, como se ele fizesse a segurança de todos em Duque de Caxias. É possível ver uma referência ao imaginário popular segundo o qual o personagem não perdia brigas, além da alusão as suas diversas cicatrizes pelo corpo e da ideia de que os seus adversários fugiam de conflitos com ele.

Não somente músicas integraram as representações midiáticas desse personagem: em 1986, foi lançado um filme sobre ele, estrelado por José Wilker e Marieta Severo, e dirigido por Sergio Rezende. De forma significativa, o filme se chama *O Homem da Capa Preta*. Na película, podemos observar a relação que Tenório Cavalcanti construía com o povo. Apesar de ela ser romantizada, ressalta-se que o político era um homem próximo do povo, que tentava ajudar a quem realmente precisava. Seja como for, o diretor coloca ênfase nas metralhadoras e nas palavras fortes do deputado.

Uma cena chama atenção: quando quase acontece um *ban-bang* dentro da Câmara dos Deputados, entre Tenório Cavalcanti e um político que estava de conchavo com os “ricos” de Duque de Caxias, o “Deputado Pistoleiro” o acusa de mandar matá-lo enquanto fazia uma visita a uma comunidade que estava sob sua proteção. Irritado, o acusado coloca a mão em seu coldre, e imediatamente Tenório Cavalcanti saca a “Lurdinha”; todos se abaixam e ele diz a seguinte frase: “Se apontares para mim, a Lurdinha vai cantar”. Embora seja uma dramatização, é curioso pensar que era considerado comum que políticos brasileiros portassem armas de fogo onde quer que estivessem – e mesmo na Câmara dos Deputados.

Os chamados “ricos” Duque de Caxias que contrataram o delegado Imparato para tentar acabar com Tenório Cavalcanti também aparecem no filme. Na trama o principal deles é chamado de Cabral, personagem de Jackson De Souza. Em uma das cenas esse está em uma reunião tramando a derrubada do deputado, e questiona seus companheiros a respeito de onde Tenório Cavalcanti teria vindo e quem seria sua família. Além disso, discorda do direito que o “Homem da capa preta” teria sobre Duque de Caxias. Segundo Cabral, as terras pertenciam a sua família desde o Império, e o próprio Imperador quando ia a São Paulo ficava por ali para descansar.

Essa cena tenta ilustrar a luta dos mais humildes contra os grandes proprietários de terra. E diz respeito a uma questão: como um homem que veio de um dos estados mais pobres e violentos do país se tornou uma pessoa instruída e alcançou a condição de ser um dos políticos mais poderosos da principal cidade da Baixada Fluminense – que ainda era dominada por grandes donos de terra, os quais exerciam influência direta sobre a política local. Como dito antes, o filme é romantizado, inclusive no que se refere à disputa ferrenha do deputado e o delegado Imparato, com mudanças na história real.

A película não faz louvor ao personagem, nem o humaniza. Pelo contrário, ressalta suas contradições, sendo que essas funcionam como retrato da política brasileira. Mas também ressalta o seu caráter de ficção ao retratar o “Homem da capa preta” como um tipo de “mafioso” brasileiro. De qualquer forma, Tenório Cavalcanti foi de fato uma figura contraditória: as suas atitudes violentas em relação aos poderosos o levaram a ser chamado de criminoso; mas ele podia ser considerado um homem de bem por muitos, tendo em vista a sua defesa dos mais pobres de sua comunidade.

É importante deixar claro que os métodos que o personagem utilizava não podem ser considerados aceitáveis, nem democráticos, por mais complicado que seja o contexto político, tendo sido a violência a conduta por excelência desse que foi um políticos mais “valentes” que o Brasil já forjou.

## Referências Bibliográficas

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: APPH, CLIO, 2003.

ARAÚJO, Maria Celina Soares d'. **O segundo governo Vargas (1951-1954): democracia, partidos e crise política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BELOCH, Israel. **Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o Povo da Baixada**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BELOCH, Israel. "**CAVALCANTI, Tenório**". In: ALVES, Alzira, LAMARÃO, Niemeyer, WELTMAN, Fernando, TADEU, Sérgio (orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). In: \_\_\_\_\_. **Os anos cinquenta: A oposição Real**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. cap. 3.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro; D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. **Getulismo e Trabalhismo**. São Paulo: Ática, 1989.

GRYNSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, no 14, 1990.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **As Classes Perigosas Banditismo urbano e rural**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **O coronelismo: uma política de compromissos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATTOS, Marcelo Badaró. et al. **Greves e repressão policial ao sindicalismo carioca 1945-1964**. In: \_\_\_\_\_. **Os historiadores e os operários: um balanço**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 21.

SILVA, Arlindo. **Memórias de Tenório Cavalcanti: segundo narrativa a Arlindo Silva**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954.

SILVA, Claudio Araujo de Souza. **O espaço de Tenório Cavalcanti no campo político do Rio de Janeiro**. *Mediações*, v.16, n.1, Jan./Jun. 2011.

**Fontes impressas**

*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1953-1958.

*Diário de Natal*, Natal, 2006.

*Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 1954-1958.

*Última Hora*, Rio de Janeiro, 1953-1958.

**Filme:**

“O Homem da Capa Preta”, 1986.